

Diário Notícias

04-03-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 56361

Temática: Saúde

Dimensão: 848

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/18

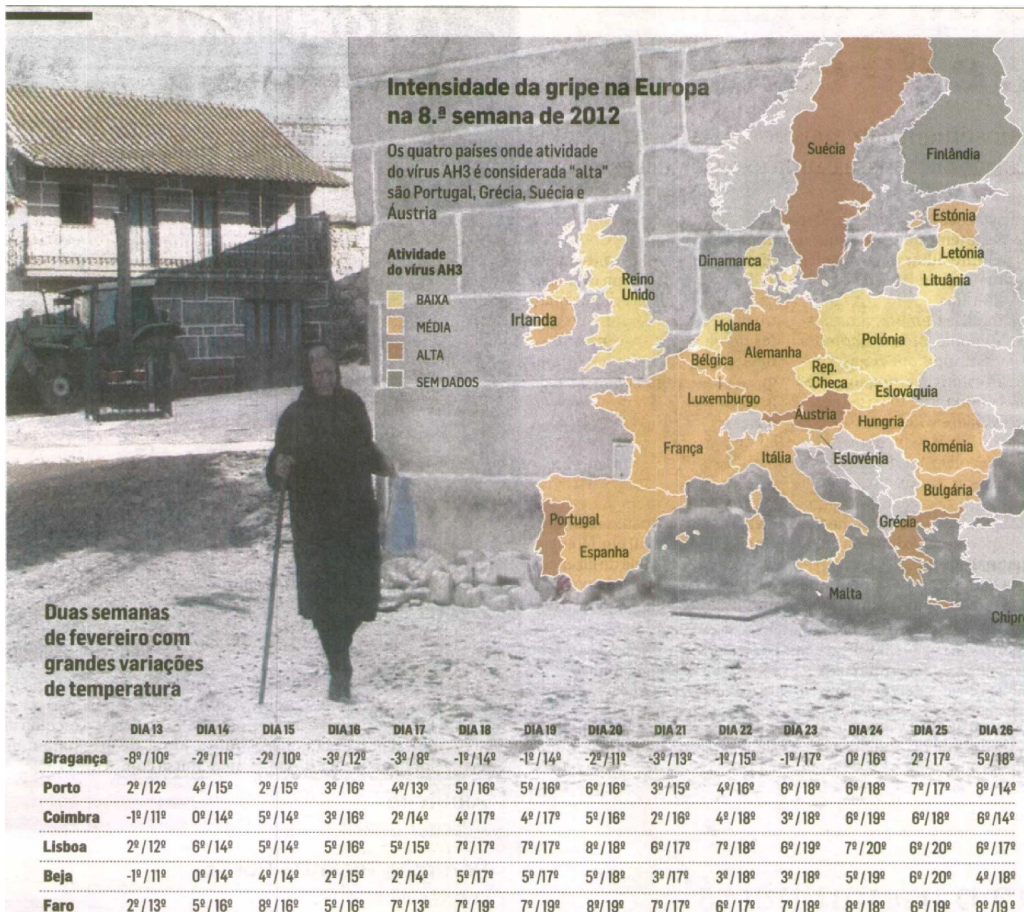
Portugal é o país da Europa onde mais se morre de frio

Estudo. Em 14 países europeus, todos com invernos mais rigorosos, Portugal é o que apresenta maior excesso de mortes na estação fria

Com um excesso de 28% de mortes entre dezembro e março em relação à média dos outros meses, Portugal faz parte, com Espanha, Irlanda, Grécia e Reino Unido, do grupo

de países europeus indicados – no estudo que é usado como referência nesta área – como os que apresentam uma mais elevada sazonalidade nos óbitos. Entre as causas

avultarão, segundo o estudo, a fraca eficiência térmica das habitações, as maiores desigualdades e pobreza e o menor investimento em saúde pública. **PAÍS** PÁG. 18



“Bastam uns dias frios para suceder algo relevante”

MORTALIDADE “Cada vez que desce a temperatura um grau, aumenta a mortalidade 1%. Bastam dois ou três dias frios para suceder algo relevante em termos de mortalidade, mas só uma ou duas semanas depois, porque o frio não mata diretamente. Temos um longo caminho em termos científicos para perceber esta relação.” Paulo Nogueira, responsável pelo sector de estatística da Direção-Geral de Saúde, é coautor de dois *papers* publicados sobre o excesso de mortes em 1998/99 e 2008/2009, em que o mesmo vírus de gripe (AH3) atingiu Portugal, e assegura que até agora, ao contrário do que foi sustentado num comunicado do INSA, não se pode falar em “excesso de mortalidade”.

“Na última epidemia, o excesso foi de 1900 óbitos, na anterior, de mais de 8000, quando a média de mortes por gripe é de 2400/ano. O que está a acontecer não é anómalo para uma época desta gripe específica, que tem um alto índice de mortalidade e que nos atingiu com alta intensidade. Temos de esperar pelo fim do ciclo para perceber se houve algo que aponte para outros factores envolvidos.”

O que é invulgar, frisa, é a ferramenta nova que desde 2007 “permite saber o número de óbitos diariamente e alertar a comunidade.”

Portugal é o país da Europa com mais mortes devido ao frio

Estudo. Países de invernos mais moderados têm paradoxalmente picos mais elevados de óbitos nessa estação

FERNANDA CÂNCIO

Portugal tem a mais alta taxa de “excesso de mortes no inverno”, 28%, de um grupo de 14 países europeus considerado num estudo de 2002 sobre óbitos relacionados com o frio ocorridos no intervalo de 1988 a 1997. Esta taxa corresponde a uma média de mais 8800 mortes em cada inverno (no período de tempo em causa). Em segundo lugar surgem a Espanha e a Irlanda, com 21%, seguidas do Reino Unido e da Grécia.

Definido como o número de óbitos que ocorrem durante a estação invernos (dezembro a março) em comparação com a média das outras estações, o “excesso de mortes” tem assim mais incidência em países de clima temperado. Facto que o estudo – assinado por John D.

Healy, da Universidade de Dublin, e ainda hoje referido por ser o único deste tipo –, denomina de “o paradoxo da mortalidade de inverno”, e atribui a vários factores, com relevo para as condições habitacionais: “Países com climas moderados tendem a ter uma má eficiência térmica doméstica, o que implica dificuldade em manter as casas quentes no inverno. É o caso de Portugal, Espanha e Irlanda, onde as temperaturas inverniais são relativamente suaves e o excesso de mortes alto.”

Refira-se que dos 14 países incluídos no estudo (Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Portugal e Reino Unido), e que apresentam taxas de mortalidade anual semelhantes – entre nove e 11 mortes por mil habitantes –, aqueles que

105 000

► **Total** Número médio de mortes anuais em Portugal

8800

► **Excesso** Número médio de excesso de mortes de inverno entre 1988/97

6110

► **Desvio** Número total de mortos nas 7.ª e 8.ª semanas de 2012

2400

► **Gripe** Número médio de pessoas

registam os invernos mais frios, com temperatura média de -3,5º C, têm menos excesso de mortes na estação (taxa de 0,10%), enquanto Portugal, com 13,5º C de temperatura média, ostenta os invernos mais quentes. A comparação entre as condições de habitação são eloquentes: a Finlândia regista uns impressionantes 100% em todos parâmetros de eficiência térmica doméstica (isolamento de paredes, telhado, chão e janelas), enquanto Portugal está – releve-se que se trata de dados relativos à década 1988/97 – no fundo da tabela, com valores abaixo dos 6%.

Outros factores correlativos considerados no estudo são os macroeconómicos: “Os países mais ricos, com mais elevado PIB *per capita* (Luxemburgo, Alemanha, Dinamarca) exibem menor variação sazonal da mortalidade. A inversa é

também verdadeira: os quatro países economicamente mais frágeis da UE (Grécia, Espanha, Irlanda e Portugal) têm as variações mais altas.” A despesa pública na saúde apresenta, segundo Healy, uma relação negativa com a mortalidade sazonal (mais investimento correspondendo a menos óbitos), enquanto a desigualdade e a pobreza parecem influir diretamente no excesso.

Um documento de 2009 do SNS britânico, porém, contrapõe a Healy dados do Reino Unido e da Dinamarca que apontam a idade avançada, o sexo (feminino) e história de doenças respiratórias como muito mais relevantes no risco de morte invernal que a privação económica. Na portuguesa DGS, aponta-se a muito baixa mortalidade do verão nacional como fator a ter também em conta.